

Promotoria mantém pressão sobre Darly

Confissão de Darly não altera plano da promotoria de incriminar Darly como mandante

XAPURI — A promotoria e os assistentes de acusação não pretendem alterar a estratégia planejada para condenar o fazendeiro Darly Alves da Silva e seu filho Darci Alves Pereira pelo assassinato do líder sindical e ecologista Chico Mendes, ocorrido em dezembro de 1988. A confissão de Darly, feita anteontem, surpreendeu a acusação, mas os advogados vão manter a mesma diretriz acertada antes do início do julgamento. A partir de hoje, quando devem ocorrer os debates entre defesa e acusação, o plano será mostrar que Darly foi o mandante do crime, executado por seu filho em uma emboscada, por motivo torpe.



de Estadual de Campinas (Unicamp), e o garoto Genésio Barbosa, que viveu na fazenda de Darly dos 7 aos 14 anos e garante ter presenciado várias reuniões nas quais teria sido tramada a morte de Chico Mendes. A promotoria trabalha com a possibilidade de os advogados de defesa apresentarem Darly como inocente, desfazendo o depoimento prestado no primeiro dia do julgamento.

DIREITOS HUMANOS

Ontem, o tribunal passou a manhã e a tarde atento à leitura dos autos. No início da sessão — suspensa várias vezes por falta de energia — o advogado João Lucena Leal pediu ao juiz Adair Longuini permissão, "em nome dos direitos humanos", para cumprimentar Darly por seu aniversário. O réu se surpreendeu com o aperto de mão de Leal. Seus familiares cantaram Parabéns a você em voz baixa, num canto da sala do tribunal.

Os advogados de defesa acreditam que a riqueza de detalhes a ser fornecida pelos leigos poderá facilitar o trabalho. "O depoimento dos especialistas será tão forte, detalhado e longo que poderá confundir os jurados", disse Armando Reigota. De acordo com ele, os leigos não conseguiram montar um laudo conclusivo, além de conduzirem Darly durante sua confissão. A intenção da defesa é inocent-

tar Darly e obter uma pena branda para Darci.

DESMORALIZAÇÃO

De acordo com Reigota, a defesa pretende desmoralizar o depoimento de Genésio. "Esse menino foi levado embora do Acre sem autorização do juiz de Menores e hoje vive em cárcere privado no Rio", disse Lucena Leal. Ele garante que se Genésio citar o nome de três pessoas que teriam sido mortas pela família Alves da Silva — dos quais só se sabe que se chamariam Ademir, Paraguaio e Mineiro —, mostrará que ainda estão vivos. "Ademir mora no seringueiro de Vila Capixaba; Mineiro, em Senador Guomard (23 quilômetros de Rio Branco, pela BR 317); e Paraguaio, em Rondônia", garantiu Lucena Leal.

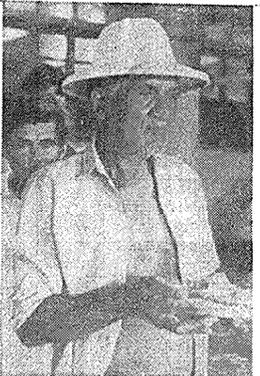
A acusação quer manter a tese de que o crime confessado por Darly foi premeditado e, por isso, é qualificado, com agravantes da pena. A defesa insiste na pena mínima, já que Darly confessou a autoria do crime. "A confissão é a mãe de todas as provas", insiste Leal. A promotoria, contudo, conta com um mapa, que teria sido feito por Darly, mostrando pontos-chaves do quintal da casa onde morou Chico Mendes. Esse mapa poderia reforçar a ideia de tocaia, o que aumentaria a pena de Darly e ajudaria a implicar Darly no crime.



Juiz Adair Longuini: julgamento lento e atenção aos depoimentos dos envolvidos no caso

Acre nasceu com violência

XAPURI — O mais velho seringueiro de Xapuri, Francisco Augusto Menezes, chegou ao Acre em 1913, apenas 10 anos depois da região ter sido tomada da Bolívia. Na época, Menezes tinha 17 anos e demorou três meses viajando de navio, barco e a pé, deste Maturité, no Ceará, até o seringueiro de Etelvin, na região de Brasília, que na ocasião não passava de um amontoado de casas. Hoje, aos 94 anos completados em 22 de setembro, seu Menezes, como gosta de ser chamado, lembra do tempo em que o Acre era uma floresta. "Os barões da borracha não queriam derrubada de árvore nem para fazer lavoura", recorda.



Francisco: pioneiro no Acre

Num lugar onde os homens eram a maioria, as mulheres eram raríssimas e quem chegasse com a sua para trabalhar em algum seringueiro corria risco de vida. "Era comum alguém matar o marido para ficar com a mulher", lembra Menezes. "E ela tinha de aceitar, caso contrário era morta também." Em

1918, Menezes se casou com a noiva que havia deixado em Maturité, mas ela morreu de malária um ano depois deixando um filho de três meses.

Com a falta de mulheres as festas dos seringueiros tinham casais improvisados. Os homens dançavam entre si, um com um lenço na cabeça fazendo o papel da mulher durante a dança. "Não tinha esse negócio de maricas, era só brincadeira, divertimento", comenta o seringueiro. Menezes conta que às vezes os patrões mandavam trazer mulheres de fora, "mas eram muito velhas e tinham de ser carregadas até o seringueiro para poderem dançar a noite inteira".

O velho seringueiro conta também que quando os trabalhadores não morriam de malária ou atacados por animais selvagens, a tocaia podia vir do próprio patrão. Quando algum seringueiro tinha um bom dinheiro para receber, era frequente ser vítima de uma cilada: recebia o dinheiro na frente de todos e, no caminho, era emboscado por um jagunço do patrão. "Era a forma do patrão se defender das acusações", explica Menezes.

Jurados denunciam ameaças

Familiares de Darly Alves da Silva e seu filho Darci Alves Pereira ameaçaram integrantes do grupo de 21 pessoas escolhidas para fazer parte do júri — das quais foram sorteadas 7 —, para que absolvessem os acusados da morte de Chico Mendes. Uma das vítimas da coação dos parentes dos fazendeiros, que não quis se identificar por temor represálias, revelou que o autor das ameaças foi Gentil Alves da Silva, o Tinho, sobrinho de Darly. Gentil está preso em Brasília, acusado de tentar matar Osmarino Amâncio, presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros e apontado como o sucessor de Chico Mendes. De acordo com a testemunha das pressões sofridas pelos jurados, que foi liberada do júri, "os sete escolhidos estão muito nervosos".

A fonte contou ontem que foi ameaçada por Tinho, que a procurou quando foi divulgada a lista das pessoas cujos nomes seriam sorteados para compor o júri. "Soube que você foi escolhido. Contamos com você para absolver nossos parentes. Você não vai nos decepcionar, não? Esse pessoal da imprensa vai todo embora e quem vai ficar aqui vai ser você." Segundo a testemunha, essas foram as palavras usadas por Tinho para intimidá-la. O sobrinho de Darly foi apontado, em carta escrita por Chico Mendes antes de morrer, como um dos interessados em sua morte.

Outro jurado dispensado, o vereador do PT Elídio Maffi, revelou que também foi abordado na rua por um parente de Darly, para que desistisse de participar do júri: "Mas eu disse que iria, porque não tenho medo deles", contou. Quando entrou para o partido, relembra o vereador, o fazendeiro tentou convencer seus irmãos a fazê-lo abandonar a ideia, sob o pretexto de que isso "não faria bem" para sua saúde. Os Maffi advertiram Darly de que qualquer ação contra o vereador resultaria em vingança.

Os sete integrantes do júri estão apavorados com a possibilidade de vingança da família Alves da Silva e muitos pensam até em se mudar de Xapuri. "Quando eu tive meu nome colocado na lista, sabia que se a condenação fosse por sete a zero, teria de me mudar daqui", afirma a fonte. De acordo com ela, o medo aumentou depois que correram boatos dando conta de que o juiz Adair Longuini e o promotor Eliseu Buchmeier seriam transferidos da cidade para um local desconhecido, onde ficariam sob proteção policial. "Os jurados sabem que depois não vão ter ninguém para protegê-los."

BOCEJOS

No segundo dia do julgamento de Darly e Darci Alves Pereira, o movimento diminuiu em frente do fórum de Xapuri. Durante toda a manhã, jurados e plateia bocejaram ouvindo um escrivão ler mais de 500 páginas do processo, a pedido da acusação e da defesa. Barbara Bramble, dirigente da Fundação Nacional para a Vida Selvagem, dormiu mais de meia hora numa cadeira. Promotores e defesa saíram do plenário para conversar.

A sessão começou ontem com apenas 35 minutos de atraso. Os réus usavam as mesmas roupas de quarta-feira: Darly de camisa azul de mangas compridas, calça marrom e botas pretas; Darci com camisa branca, calça jeans e tênis branco. Tanto o fazendeiro como seu filho — que confessou quarta-feira ter matado Chico Mendes na noite de 22 de dezembro de 1988, durante tocaia preparada na casa do líder sindical (ver reconstituição do crime no quadro ao lado) — pareciam abatidos. Darly permaneceu o tempo todo com um lenço próximo ao olho esquerdo.

A versão do assassino

Darly contou no tribunal como matou Chico Mendes

Dentro de casa, em Xapuri, o seringueiro jogou o lenço com os policiais encarregados de garantir sua segurança. Chico Mendes interrompe a partida para tomar banho.

Quando sai para ir ao banheiro, fora da casa, percebe que lá fora está muito escuro.

Chico Mendes volta para pegar a lanterna.

Darly está à espreita no quintal.

Quando Chico Mendes aparece na porta, atira no seringueiro.

O fazendeiro foge.

Os dois policiais fogem em direção ao quartel.

Atingido no peito e no braço, se arrasta pela cozinha e tenta chegar até o quarto do casal.

Na porta do quarto, o seringueiro tomba após a filha Elenita.

Alertado pelos gritos de Iizamar, Júlio Nicácio, amigo de Chico Mendes, tenta ajudá-lo.

Chico Mendes está morto, com 42 tiros de chumbo no corpo.

Testemunha vive sob proteção

XAPURI — A principal testemunha contra o fazendeiro Darly Alves da Silva e seu filho Darci Alves Ferreira, acusados do assassinato de Chico Mendes, é a pessoa mais protegida pela polícia em Xapuri. A morte do líder seringueiro caiu como uma bomba na vida do garoto Genésio Barbosa, de 15 anos, que viveu durante 6 anos na Fazenda Paraná, de propriedade de Darly e presenciou as reuniões em que foi tramado o crime.



Genésio Barbosa: testemunha chave no processo de Xapuri

O garoto foi afastado de Xapuri, por motivos de segurança, mudou de endereço duas vezes e poderá ser levado para estudar no Exterior após o julgamento. A proteção de Genésio passou a ser um compromisso da polícia depois que ele chegou à cidade disposto a reafirmar as acusações diante do júri. Apesar das mudanças que enfrentou quando saiu do Acre para o Rio, com o jornalista Zuenir Ventura, e depois para uma cidade do Interior, o garoto amadureceu e está tranqüilo, segundo o bispo de Rio Branco, dom Moacir Grechi, que o hospedou em Rio Branco.

Cursando atualmente a 4ª série, onde é considerado o melhor da classe, Genésio gosta de ler, acompanha os jogos do Vasco e tem um humor refinado. Os que o acompanharam afirmam que ele está mais adaptado à vida do Sul do País, especialmente depois que passou a viver no Interior, em contato com a natureza. Personagem-chave de um dos mais importantes julgamentos realizados no Brasil, ele não gosta de mostrar as marcas da infância pobre, onde ele trabalhava como vaqueiro para Darly. Quem conheceu o menino logo depois do crime, conta que ele era "de poucas palavras".

Quando chegou a Xapuri, Genésio perguntou pelo coronel Roberto, comandante da PM, que lhe deu proteção depois das acusações que fez contra Darly. Ele também quis saber da mãe, Marina Ferreira da Silva, com quem só poderá se encontrar depois do julgamento. Dona Marina, vive hoje no seringueiro Quixadá e enfrenta uma situação delicada, pois a filha Natália vive com Olaci, irmão de Darly.

Sindicalista é morto em PE

RECIFE — Maria Aparecida Pedrosa Bezerra da Silva, de 27 anos, responsabilizou ontem os empresários do açúcar pela morte de seu marido, José Hélio da Silva, 26 anos. Silva era assessor político do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palmares, na Zona da Mata de Pernambuco, e vai ser enterrado hoje em Palmares. "É mais um Chico Mendes, mais um que morre porque luta por justiça social neste País", afirmou Maria Aparecida. O assessor foi assassinado com três tiros de espingarda calibre 12 em uma emboscada no Engenho Colombo, à margem da BR-101, no município de Joaquim Nabuco.

Segundo a direção da Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado (Fetape), Silva havia sido ameaçado de morte por meio de duas cartas anônimas enviadas ao sindicato aconselhando-o a se afastar das atividades na organização dos trabalhadores rurais. O assessor atuava como os canalheiros de toda a Mata Sul de Recife desenvolvendo um trabalho essencialmente educativo para conscientização dos direitos do trabalhador. De acordo com o primeiro-secretário da Fetape, Israel Crispim, Silva e sua mulher —

advogada do sindicato — ganharam diversas ações trabalhistas contra empresários do álcool e do açúcar, além de fornecedores de cana. "Foi isso que o matou", disse Crispim. Silva dirigia uma perua do sindicato em companhia do tesoureiro da entidade, José Cicero da Silva, quando foi interceptado por um Fiat cinza escuro ocupado por dois homens. De dentro do Fiat, um homem moreno e magro disparou no veículo onde estavam os sindicalistas. Cicero foi atingido no ombro e os dois homens desceram do carro e correram em direções diferentes. Silva foi atingido três vezes e morreu instantaneamente.

De acordo com a Fetape, nos últimos dois anos 28 pessoas — entre trabalhadores rurais e sindicalistas — foram mortos por causa de questões agrárias e trabalhistas. A Fetape abrange 45 sindicatos e 240 mil camponeses.

O governador Carlos Wilson esteve ontem à tarde em Palmares e prometeu que o responsável pelo crime ser punido "seja ele quem for". Wilson pediu ao secretário de Segurança Pública, João Arraes, que designe um delegado especial para cuidar do caso.